

A literatura marginal periférica e o cânone literário

The peripheral marginal literature and the literary canon

Nícolas Pereira Rosa¹

Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, Brasil.

Manoela de Quadros de Paula Guedes²

Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maria Alzira Leite³

Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: A literatura é, em grande medida, tributária de uma visão de cultura identificada a manifestações artísticas e intelectuais eruditas, guardando prerrogativas de gostos, padrões estéticos e morais dos grupos que detêm o poder de legitimá-la. A despeito da prevalência de posições de privilégio nos modos de representação e institucionalização da literatura, as formas de intervenção da literatura no espaço social têm sofrido uma expansão considerável na cultura contemporânea, fenômeno observável em manifestações como a entrada em cena de vozes marginais, que conferem usos e finalidades singulares às expressões literárias, problematizando concepções canônicas que reduzem o estético ao normativo, ao primado do individual e do privado. Diante desse cenário, o presente artigo confronta concepções canônicas de literatura vigentes na crítica contemporânea com questionamentos derivados da produção literária periférica. Para tanto, são analisadas, de um lado, a visão de literatura de Leyla Perrone-Moisés, no livro *Mutações da literatura no século XXI*; de outro, as formulações de dois dos mais destacados autores da literatura marginal periférica, Ferréz e Sérgio Vaz, a partir dos textos “Terrorismo literário” e “Literatura das ruas”, respectivamente. Ao final, o artigo tece reflexões sobre o lugar da literatura na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Literatura. Cânone. Cultura contemporânea.

Abstract: Literature is largely dependent on a view of culture identified with scholarly artistic and intellectual manifestations, preserving the prerogatives of the tastes, aesthetic and moral standards of the groups that have the power to legitimize it. Despite the prevalence of privileged positions in the modes of representation and institutionalization of literature, the forms of literature intervention in the social space have undergone a considerable expansion in contemporary culture, a phenomenon observable in manifestations such as the entry of marginal voices, which confer singular uses and purposes to literary expressions, problematizing canonical conceptions that reduce the aesthetic to the normative, to the primacy of the individual and the private. Given this scenario, the present article confronts canonical conceptions of literature prevailing in contemporary criticism with questions derived from peripheral literary production. To this end, we analyze, on the one hand, Leyla Perrone-Moses's view of literature in the book *Mutations of Literature in the 21st Century*; on the other, the formulations of two of the most prominent authors of peripheral marginal literature, Ferréz and Sérgio Vaz, based on the texts *Literary Terrorism* and *Street Literature*, respectively. At the end, the article reflects on the place of literature in contemporary culture.

Keywords: Literature. Canon. Contemporary culture.

¹ <https://orcid.org/0000-0003-0615-1590>. E-mail: nicolas_pereirarosa@hotmail.com

² <https://orcid.org/0000-0002-5550-1748>. E-mail: manoeladequadros@gmail.com

³ <https://orcid.org/0000-0003-2235-4021>. E-mail: mariaalzira35@gmail.com



Introdução

O conceito de literatura é problemático, pois não há parâmetros seguros que definam o literário, assegurando que determinadas obras são, por definição, consideradas literatura, enquanto outras não seriam merecedoras dessa designação. Na contemporaneidade é ainda mais difícil de se chegar a um consenso em relação aos limites conceituais da literatura, dada a diversidade das produções literárias, em gêneros, linguagens e suportes. Muitos são os estudos que se propõem a indagar sobre a definição de literatura e a explicitar a sua importância e função, como podemos destacar o conhecido ensaio “O direito à literatura”, do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, texto referencial nessa discussão. Em seu ensaio, Candido explica o que ele considera literatura, enfatizando quão essencial é a sua existência na vida das pessoas:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 1988, p. 176).

Na formulação de Antonio Candido, a literatura é tomada como toda e qualquer fabulação, seja erudita ou proveniente da cultura popular, entendida como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Tanto a dicotomia entre o erudito e o popular, quanto o tratamento indistinto entre a ficção como disposição antropológica e a instituição literária, assim como a reivindicação de universalidade, são questões passíveis de muitos questionamentos.

Em vista disso, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre a concepção de literatura, originária do século XVIII, quando assume os contornos que a identificam às produções elevadas do espírito, cor-

respondendo aos padrões estéticos e culturais de um grupo socialmente privilegiado. Em contraposição, coloca-se a “literatura marginal”, desenvolvida e produzida nas periferias das diferentes cidades brasileiras, que vem ocupando espaço no campo literário e cada vez mais tem merecido estudos críticos. Tendo em vista o contexto burguês de afirmação da literatura como arte autônoma, a literatura marginal coloca-se como resistência às posições fixas da literatura, ou seja, ao “cânone literário”, evidenciando a necessidade de desconstrução de conceitos até então legitimados.

O termo “marginal” significa muito para os autores que produzem a literatura periférica, porque um dos objetivos ao utilizá-lo para se referir à literatura nascente nas camadas sociais populares é justamente contrapor a ideia de “marginal” enquanto sinônimo de “delinquente” ou “bandido” – adjetivos os quais comumente são utilizados pelas classes mais altas da sociedade ao se referir às pessoas que integram a periferia, a julgar, de maneira preconceituosa, a sua aparência e a sua condição econômica como diretamente ligada ao crime. Dessa forma, os produtores da literatura marginal periférica visam esclarecer que, nesse contexto literário, tal vocábulo refere-se às “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12), isto é, àqueles que estão “à margem” da sociedade porque, devido a questões socioeconômicas, históricas e culturais, foram colocados nessa posição, mas que buscam, através da produção literária, ganhar visibilidade conforme expõem a realidade do que vivenciam, a fim de demonstrar que também possuem histórias significativas e ensinamentos válidos para compartilhar.

Além da ressignificação dada ao termo “marginal”, o conteúdo e os aspectos da escrita presentes na literatura periférica também são uma maneira de afrontar o cânone literário, pois essa literatura é uma forma artística única, constituída por uma escrita que rompe as características estéticas das “altas literaturas” – termo cunhado por Leyla Perrone-Moisés, em sua obra de mesmo nome, publicada em 1998 –,

as quais seriam compostas por produções antigas de autores renomados, clássicos, que, em geral, estão ligadas a um universo de representações do mundo burguês letrado e que, por isso, são tomadas como bem espiritual com função contemplativa.

Outro diferencial da literatura marginal é que ela é a escrita sobre o povo, pelo próprio povo; suas histórias não são baseadas em situações vistas de fora, como mero espectadores, mas em situações vivenciadas de perto por aqueles que escrevem. Ademais, os autores da literatura marginal não tratam apenas da realidade social e do meio em que vivem, mas valem-se de uma linguagem própria, ligada às experiências da oralidade e da performance, como no caso do *rap*. Diante disso, para ganhar mais visibilidade, essa literatura se difunde no meio das próprias periferias, através da realização de saraus literários, os quais dão oportunidade para que novos talentos se manifestem também. Basicamente, a literatura marginal é um tipo de literatura que objetiva não apenas elaborar livros que cativem os leitores, mas, principalmente, dar “voz” às minorias, demonstrando que a literatura funciona como instrumento de participação social, assumindo funções próprias, em diferentes contextos culturais e comunitários.

Assim, por mais amplo que seja o sentido atribuído à literatura por Antonio Candido, compreendendo-a como “universo da ficção”, presente em todas as sociedades, temos de considerar o sistema cultural, as instituições e as instâncias de mercado que conferem existência social à literatura. Desse modo, “o direito à literatura”, defendido por Candido, não se restringe apenas, como propõe o crítico, ao acesso às “grandes obras” produzidas pelas elites (vez que as manifestações populares não se colocam a uma distância inacessível), mas passaria por todo um questionamento sobre os meios de produção e circulação da literatura, que reproduz distinções e hierarquias na distribuição de direitos.

Para dar continuidade ao debate em relação aos conflitos em torno dos lugares ocupados pela literatura no campo literário, abordaremos, primeiramente, o ponto de vista da escritora, professora e

crítica literária Leyla Perrone-Moisés, evidenciadas em seu livro *Mutações da literatura no século XXI*.

Mutações da literatura: uma concepção canônica

Mutações da literatura no século XXI, de Leyla Perrone-Moisés, é dividido em duas partes: “Mutações literárias e culturais” e “A narrativa contemporânea”. Na primeira parte – enfoque deste artigo –, Perrone-Moisés trata sobre “O ‘fim da literatura’”, “A literatura na cultura contemporânea”, questiona se “Existe uma literatura pós-moderna?” e finaliza falando sobre “A literatura como herança”, “A crítica literária” e “O ensino da literatura”.

No primeiro capítulo, “O ‘fim da literatura’”, Perrone-Moisés (2016, p. 17-26) salienta que o final do século XX foi marcado pelo início de um período de diversas mutações, fator que gerou a crença de que a literatura estava chegando ao seu fim, sendo alguns dos sintomas o desaparecimento do “grande escritor” e a diminuição do público de “literatura séria” (2016, p. 17), isto é, a literatura da alta modernidade.

A literatura de que aqui falamos é a que foi definida em meados do século XVIII, quando a palavra deixa de significar o conjunto da cultura letrada para designar uma atividade particular, uma prática de linguagem separada (e superior) das outras práticas verbais, uma arte e um meio de conhecimentos específicos (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 19).

Tal conceito é exposto tendo em vista restringir o âmbito do literário de que trata a autora, justamente porque, conforme comenta Perrone-Moisés, definir literatura é algo extremamente complexo. São apresentadas algumas concepções de pensadores como Derrida (1992) – que acredita em uma literatura que pode ser mutável e desconstruída, já que, para ele, ela “é uma instituição que consiste em transgredir e transformar” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 18) – e Robert Escarpit (1962) – para quem definir esse objeto de estudo é difícil porque possui um dualismo epistemológico e estético, que interfere tanto na

forma como a produção é vista, quanto nos valores a ela atribuídos – ora espirituais, ora artísticos.

No decorrer do capítulo, Perrone-Moisés defende que, ao retermos os teóricos que falam da literatura como uma prática superior, tais textos acabam parecendo arcaicos na nossa época, devido à disseminação da cultura por meio digital. A autora comenta, então, sobre o impacto das tecnologias na literatura:

Uma das causas mais aventadas é o impacto das mutações tecnológicas, em especial a informatização, que, se por um lado beneficia a produção e o comércio dos livros, por outro privilegia a leitura rápida em detrimento da leitura lenta e reflexiva, a quantidade em detrimento da qualidade (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 23).

A visão de Perrone-Moisés sobre as produções textuais difundidas no meio digital é negativa, na contracorrente das práticas literárias contemporâneas produzidas em meios tecnológicos – como redes sociais, *blogs*, aplicativos etc. Contudo, a tecnologia pode ser, na realidade, um fator de inovação da forma literária, além de permitir que uma maior quantidade de pessoas tenha acesso a ela, oportunizando, inclusive, o surgimento de novos escritores, que encontram na *internet* um meio de produção literária e de comunicação direta com os seus leitores.

No entanto, para Perrone-Moisés, apesar dos avanços tecnológicos, da massificação da literatura e da midiaticização dos autores, a literatura que de fato tem valor é aquela que engloba “*textos que interrogam e desvendam o homem e o mundo de maneira aprofundada*”, os quais, segundo acredita, estão sendo esquecidos e cada vez menos produzidos (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 25, grifo nosso). Além dos escritores, os leitores também estão mudando, de modo que a literatura, como a arte elevada, parece de fato estar chegando ao fim.

No capítulo “A literatura na cultura contemporânea” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 27-37), a autora esclarece que o enfoque dado é ao século XXI porque ele sofreu diversas mudanças culturais, que tornaram ainda mais difícil definir a literatura. Para debater

sobre as transformações literárias da contemporaneidade, Perrone-Moisés inicia apresentando o conceito de “fato literário” formulado pelo escritor e crítico literário russo, Iouri Tynianov:

O que é a literatura? O que é um gênero? Todo manual de literatura que se respeita começa obrigatoriamente por essas definições. A teoria literária se obstina a concorrer com as manifestações na constituição de definições estáticas extremamente estáveis e irrevocáveis, esquecendo-se de que as matemáticas repousam sobre definições, enquanto na teoria literária, inversamente, longe de constituir um ponto de partida, as definições são apenas um resultado, modificado incessantemente pelo fato literário. E essas definições são cada vez mais difíceis de dar (TYNIA NOV, 1991, p. 212 apud PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 27).

Tynianov demonstra que a literatura é uma área complexa porque não é exata, pelo contrário, está em constante evolução e, por isso, o fato literário se modifica ao se chocar com “o fato literário vivo”, isto é, as formulações escritas, ao se depararem com a realidade, acabam tendo que se adequar à época. Um exemplo que pode ser identificado em relação às mudanças do fato literário é que “um gênero considerado não literário numa época passa a ser considerado literário em outra” (PERRONE, 2016, p. 28), como é o caso da correspondência, que de documento passou a ser lida como escrito literário.

Quanto às mudanças sociais, a autora enfatiza o fato de que até o século XIX a cultura era privilégio da elite social, sendo pertencente a um pequeno grupo que determinava o que era literatura de verdade, de qualidade, enquanto o “povo” estava preocupado apenas com a simples subsistência material, não tendo, então, acesso a essa literatura até a instalação das sociedades democráticas no Ocidente, quando a cultura se popularizou (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 29-30). Desse modo, a sociedade passou a influir nos padrões de apreciação da literatura, demonstrando, assim, que “a arte encontra seus ‘novos fenômenos’ na vida social” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 28).

Perrone-Moisés, porém, apresentando apontamentos da filósofa política alemã Hannah Arendt para embasar as suas ideias, defende que é necessário preservar o livro e a escrita, disseminando para todas as esferas sociais o que já foi produzido em relação à literatura, a fim de conservar produções clássicas, mostrando, novamente, um descontentamento com a difusão da literatura no meio tecnológico – embora essa seja apenas uma consequência inevitável das mudanças sociais do presente século.

Ora, a conservação é uma atitude inerente aos conceitos de cultura, de arte e de educação. Trata-se de conservação não como imobilismo e fechamento ao novo, mas como conhecimento da tradição sem a qual não se pode avançar. Em termos culturais, conservar não é regredir, mas é uma atitude política, porque concerne à sociedade como um todo (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 33).

Essa afirmação demonstra que a autora olha para as obras do passado com um certo saudosismo, o qual a impede de identificar qualidades nas mudanças literárias deste século. Por estar tão apegada à forma e aos valores atribuídos à literatura na modernidade, a autora questiona, então, no terceiro capítulo, se realmente “Existe uma literatura pós-moderna?” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 38-49).

Nesse capítulo, Perrone-Moisés problematiza o conceito de pós-modernidade histórica, pois acredita que ele está equivocado, se consideramos que, na verdade, a literatura que começou depois da modernidade não é algo exatamente novo, mas “uma assimilação numa postura irônica” (2016, p. 45) daquilo já produzido na modernidade. Após, a autora revê as características da literatura pós-moderna, atribuídas por vários teóricos, tais como *intertextualidade*, *paródia*, *metalinguagem*, *fragmentação*, *ludismo* e *ironia*, demonstrando que elas já podiam ser identificadas em obras anteriores ao século vigente também. Por fim, conclui que, por enquanto, mais adequado é definir a literatura das primeiras décadas do século XXI simplesmente como *literatura contemporânea* – até que esse termo se torne similarmente inconveniente com o passar do tempo.

Em “A literatura como herança” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 50-59), a autora afirma que as obras literárias dos séculos XIX e XX constituem a herança do nosso século, pois seriam detentoras de um valor único. Perrone-Moisés explicita que essa herança cultural é defendida por vários ensaístas, tais como: Harold Bloom, crítico literário estadunidense, o qual acredita que o cânone é a única arte da memória, de tal maneira que em seu ensaio denominado *The Western Canon* (1994) reivindica a imortalidade de grandes autores do cânone ocidental; a ensaísta francesa Daniëlle Sallenave que, por sua vez, na obra *Le Don des morts* (1991), defende a ideia de que as grandes obras do passado constituem um dom, o qual continua sendo transmitido mesmo após a morte de seus autores, conforme argumenta que “sem os livros, toda vida é uma vida ordinária” (SALLENAVE, 1991, p. 65 apud PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 51); além do também francês Pierre Michon, que continua a honrar as obras canônicas, como é possível observar na sua produção *Corpus du roi* (2002), em que aplica aos grandes escritores do passado o conceito medieval segundo o qual o rei possui dois corpos: um natural e um místico (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 54).

No entanto, diferentemente do que ocorre nesses pensadores, de acordo com a autora, alguns leitores – e até mesmo escritores – atuais não valorizam tanto essas obras literárias e “dilapidam a herança, trocam-na em miúdos, produzindo uma infinidade de pequenas obras de mero entretenimento, ou nem isso” (2016, p. 50), situação, vista por ela, como lamentável.

No quinto capítulo, Perrone-Moisés atém-se a conceituar “A crítica literária” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 60-69), especificamente a contemporânea, que, segundo ela, pode ser classificada em três grandes grupos: a crítica universitária – manifesta na forma de artigos longos; a crítica jornalística – praticada nos meios de comunicação imediata – e a crítica exclusivamente eletrônica – que exprime opiniões sobre as obras publicadas, através de *blogs*. Um fator que a autora aponta como característico da crítica contemporânea é a perda da função de autoridade que o gênero teve no passado (2016, p. 61). No entanto, Perrone-Moisés enfatiza que ainda se faz necessário

que os críticos possuam bagagem cultural e argumentos com fundamentação teórica, a qual só é possível a partir de muita leitura *de e sobre* literatura (2016, p. 68). Além disso, ela aponta que, no final das contas, “o grande juiz da obra literária é o tempo” (2016, p. 65), o que implica mudanças na valorização das obras literárias de acordo com a época em questão.

Finalmente, no último capítulo dessa primeira parte, “O ensino da literatura” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 70-82), a autora volta a analisar as transformações que ocorreram na literatura com o passar do tempo e as expõe também em relação à abordagem de seu ensino no ambiente escolar. Ademais, questiona novamente o que é literatura nos dias de hoje e, por meio das críticas literárias, apresenta um panorama sobre a literatura que antes era vista como cultura e, atualmente, de acordo com ela, passou a ser vista como entretenimento, contando com o apoio das mídias e da indústria cultural que estão apenas visando ao lucro.

Segundo a autora, ao não ser devidamente ensinada nas escolas, a literatura acaba sendo desvalorizada pelos alunos também, de maneira que eles perdem a riqueza de conhecimento existente nas obras. Nesses termos, postula uma modificação nesse sistema, para que a literatura possa exercer um de seus papéis principais: o de preservar e transmitir a experiência dos outros.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 79).

Embora para Perrone-Moisés as obras literárias que devem ser lidas nas escolas sejam as canônicas, a visão que ela traz sobre a importância da literatura como forma de expor os contextos e vivências dos outros pode perfeitamente ser aplicada a diferentes tipos de literatura também, sendo a literatura margi-

nal periférica um ótimo exemplo. No entanto, para que a inserção da literatura marginal em âmbitos formais (no caso, o escolar) ocorra, é preciso que os “autores marginais” conquistem legitimidade de sua produção artística, contrapondo-se àquela ideia, anteriormente mencionada, de conservação das obras clássicas como única alternativa, “uma atitude política” para manter a tradição (2016, p. 33), sendo que claramente se trata de uma restrição ao novo, advinda de uma ótica elitista.

Aos poucos, contudo, como veremos a seguir, a literatura marginal tem rompido com esses conceitos enraizados de literatura, através de diversas manifestações culturais elaboradas por autores vindos da periferia, sendo Reginaldo Ferreira da Silva – cujo nome artístico é Ferréz – e Sérgio Vaz grandes referências a serem destacadas a seguir.

Contrapontos: Ferréz e Sérgio Vaz

Um dos nomes mais influentes da literatura marginal é o do escritor, *rapper* e empreendedor Ferréz que, além de já ter escrito vários livros, dentre eles *Capão Pecado* (2000), também é fundador do grupo *1DaSul*, responsável por promover eventos culturais na região do Capão Redondo, em São Paulo. Através de uma abordagem direta, feita a partir de escritos com marcas da oralidade e que trazem à tona diversas questões sociais, Ferréz tem conquistado cada vez mais espaço, inclusive na televisão, desde que atuou no programa *Manos e Minas*, exibido na TV Cultura, em um quadro chamado “Interferência”, no qual entrevistava pessoas para comentar sobre samba.

Um texto bastante relevante do autor é o “Terrorismo literário”, que integra o livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* (2005), anteriormente publicado em forma de manifesto na revista *Caros Amigos*, na edição de 2001, número especial sobre a literatura marginal. Em seu texto, Ferréz expõe a razão pela qual a literatura marginal surgiu e afirma que ela não é algo passageiro, mas que, independentemente de obter legitimação ou não, ela veio para permanecer e fazer a diferença, sendo a voz daqueles que até então não tiveram nenhum

espaço significativo na sociedade e, assim, servindo como um meio de sobrevivência e resistência:

Literatura de rua com sentido sim, com um princípio sim, e com um ideal sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte. [...] não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos. Sua negação não é novidade, você não entendeu? Não é o quanto vendemos, é o que falamos, não é por onde nem como publicamos, é que sobrevivemos (FERRÉZ, 2005, p. 10).

O texto é, na verdade, considerado um “Manifesto da Literatura Marginal”, sendo possível notar isso pela forma como ele é constituído: é como se o autor estivesse falando com o leitor, expondo o seu descontentamento com a maneira como a periferia sempre foi menosprezada e tida como desimportante, ao mesmo tempo em que faz a afirmação de que agora as coisas irão mudar com a entrada em cena das novas vozes periféricas.

Outro fator que faz com que “Terrorismo literário” seja um texto fundamental para entender a essência da literatura marginal é que, a partir da sua leitura, fica evidente a importância dessa vertente literária e o porquê do seu nome: utilizar o termo “marginal” para designar a literatura da periferia é uma busca pela desconstrução de seu significado como algo pejorativo, conforme fica claro quando vemos que a literatura marginal é “a própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não os marginalizados” (2005, p. 9) e, ao longo do texto, Ferréz segue explicando o termo:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom isso fica para os estudiosos, o que a gente faz é tentar explicar, mas a gente fica na tentativa, pois aqui

não reina nem o começo da verdade absoluta. (FERRÉZ, 2005, p. 12-13).

Ferréz prova, assim, que o fundamental na literatura não deve ser a pura forma estética, a erudição ou o experimentalismo da linguagem, mas é necessário levar em conta a motivação e os significados que ela assume no seu contexto de produção e recepção. Para ele, um dos motivos que mais impulsiona a luta pela valorização da literatura marginal é a confirmação da mudança que ela gera na vida de seus autores e leitores, muitos dos quais, antes dela, sequer tinham tido contato com algum tipo de obra literária.

Outro escritor que se destaca na produção literária da periferia é Sérgio Vaz, poeta brasileiro e fundador, no ano 2000, da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), em São Paulo. Em seu texto “Literatura das ruas”, presente no livro *Literatura, pão e poesia* (2011), ele afirma que “muita gente que nunca havia lido um livro, nunca tinha assistido uma peça de teatro, ou que nunca tinha feito um poema, começou, a partir desse instante, a se interessar por arte e cultura” (2011, p. 35).

O texto de Vaz utiliza-se de várias referências literárias, mencionando obras e autores canônicos, para demonstrar em que lugar a literatura marginal se enquadra. Para tal, o autor começa falando sobre aquela literatura vista como pertencente apenas à elite: “a literatura é dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes, famintos por conhecimento, que se amontoam nas calçadas frias da senzala moderna chamada periferia” (2011, p. 35), deixando evidente a crítica social que o seu escrito visa fazer em relação ao distanciamento da literatura do povo e, no decorrer do texto, reforçando a necessidade de reverter essa prática.

Vaz também é o fundador do Sarau da Cooperifa, no Jardim Guarujá, em São Paulo, onde cerca de 400 pessoas se reúnem semanalmente para ler e criar poesia. Tal sarau surtiu efeitos tão positivos que serviu de inspiração para a criação de inúmeros outros saraus ao redor do país. Segundo o autor, basta haver pessoas interessadas em produzir e reafirmar a sua cultura para que um projeto como esse dê certo, pois se o povo não fizer, não haverá quem faça por ele:

Quanto a nós, Capitães da areia e amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia. Assim nasceu o sarau da Cooperifa. [...]. Agora, todas às quartas-feiras, guerreiros e guerreiras de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais, entre velhos e novos poetas sob a bênção da comunidade (VAZ, 2011, p. 35).

Diante de tais exposições, nota-se o quanto as trajetórias e as produções literárias de Ferréz e Vaz foram – e ainda são – de fundamental importância não apenas para o surgimento, mas também para a permanência e a propagação da literatura marginal periférica no cenário literário brasileiro, dado que ambos os autores não somente se preocuparam em produzir as suas próprias obras, como em espalhar conhecimento e incentivar outros membros da periferia a se tornarem leitores e escritores também, conforme forem compreendendo que há, a partir da arte, a possibilidade de serem reconhecidos como protagonistas das próprias narrativas de vida. A presença de marcas da oralidade, gírias e expressões idiomáticas utilizadas pelos membros das comunidades das quais os autores são oriundos expressados em seus textos, bem como a exposição de assuntos que contemplam o cotidiano da periferia, denunciam os preconceitos sofridos, debatem a situação política do País e como ela reflete nas camadas mais pobres da sociedade, além da valorização e explicitação das características culturais que os tornam quem são – como a sua origem e ancestralidade, por exemplo –, torna-se possível perceber que o enfoque da literatura marginal periférica é sempre o coletivo, jamais a ascensão apenas individual de cada escritor que a produz – fator que legitima ainda mais o seu valor.

Sendo assim, urge enfatizar o quanto os textos de Ferréz e Vaz fornecem elementos para entendermos a necessidade da luta constante para que a produção da periferia tenha cada vez mais destaque no mundo literário, a fim de que preconceitos sejam desmitificados, mudanças sociais ocorram e espaços para a manifestação da arte da comunidade sejam

não apenas criados, mas cada vez mais valorizados como formadores de cultura.

Algumas considerações

Partindo da análise dos três textos abordados nesse artigo, nota-se um abismo entre a literatura defendida por Leyla Perrone-Moisés e aquela produzida por Ferréz e Sérgio Vaz. Enquanto Perrone-Moisés acredita que, embora tenham ocorrido mudanças culturais, a literatura clássica é sinônimo do que deve ser unicamente difundido e valorizado como literário, os autores periféricos defendem a ideia de uma expansão do campo literário, com a introdução de novas vozes e valores estéticos.

Embora possa parecer, como exposto por Perrone-Moisés no primeiro capítulo de seu livro, que a literatura chegou ao fim, na verdade o que chegou ao fim foi um tipo específico de literatura, cuja produção era restrita aos estudiosos vistos como mais capacitados; em contrapartida, a literatura marginal afirma o seu lugar, conquistando espaços cada vez maiores para a sua manifestação.

Refletir sobre a diferença que caracteriza esses textos deve ir além da forma estética, para adentrar na questão social e nas mudanças culturais que os envolvem. Em um século no qual a informação chega com tamanha rapidez, em que qualquer pessoa pode manifestar sua opinião *online* e que novos escritores podem surgir a qualquer momento, mesmo que nunca tenham publicado um livro através de uma editora, apenas produzindo em *blogs*, por exemplo, é compreensível a preocupação em relação à possibilidade de a literatura parar de ser uma arte superior, para ser um simples entretenimento. No entanto, não é por esse receio que toda mudança deve ser tida como retrocesso.

Devido à tamanha diversidade literária, em vez de defender que um padrão elevado seja mantido, que um grupo fechado produza e defina o que é bom ou ruim, o mais acertado é reconhecer o leque de possibilidades de representações sensíveis. Uma literatura que trata apenas questões de uma única classe social reduz os horizontes de compreensão do mundo, quan-

do, de fato, existem inúmeras outras vozes e lugares de representação que precisam ganhar visibilidade.

Além do mais, não é porque os modelos literários mudam que a literatura deixará de ser um objeto relevante de estudo. Pelo contrário, para além dos livros utilizados na escola como mero conhecimento necessário para o vestibular, ou para simplesmente saber, por serem “clássicos” que os alunos “devem ler”, a literatura poderá passar a ser uma forma de explorar diferentes realidades, aproximando os leitores de mundos distintos e diversos. Dessa maneira, diferentemente do que Perrone-Moisés diz em seu texto, de que o ensino da literatura nas escolas tende a desaparecer (2016, p. 65), talvez o que precise acontecer é apenas uma reformulação de como e o que é ensinado: o professor de literatura deve ser responsável por selecionar obras para trabalhar na escola que tenham como objetivo inicial causar identificação entre os livros e os alunos pelos quais ele é responsável, a fim de incentivar o interesse pela leitura e pela literatura de maneira geral, conforme os estudantes forem percebendo que existem diversos textos e autores que se aproximam da realidade em que vivem. Dessa forma, ao servir como um mediador de leitura, o professor conseguiria possibilitar aos alunos uma aproximação mais profunda do leitor com a obra literária. E, ainda, despertar o interesse pela leitura – e por que não pela escrita – para além das paredes da escola. Cabe destacar que, nesse ponto, a relação com a literatura não se trataria mais apenas de uma obrigação do estudante que pretende avançar no ano escolar, mas de um desejo genuíno de um indivíduo que necessita conhecer a si mesmo e ao mundo e que, após ter se identificado com a produção literária, começou a utilizar determinados textos. Nesse viés, o estudante conheceu autores que parecem *entendê-los*, visto que falam “a mesma língua”, isto é, utilizam um vocabulário acessível, propondo narrativas atrativas e envolventes tendo em vista que abordam histórias sensíveis e realistas, as quais os contemplam.

Em suma, procurar inserir a literatura marginal no âmbito escolar não significa dizer que os outros tipos de textos presentes no cânone devem ser descartados, mas sim que não devem ser tidos como os

únicos existentes e válidos. Afinal, se a sociedade muda com o passar dos anos, é natural que a arte produzida por ela também se modifique, a fim de responder às necessidades de cada época.

Por fim, vale destacar que, seja na literatura, na música, na pintura ou em outras produções artísticas, o primordial é que os diferentes segmentos da sociedade participem como protagonistas, como sujeitos de sua própria história, por eles mesmos narrada.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005. <https://doi.org/10.5212/uniletras.v.35i1.0007>
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. <https://doi.org/10.4067/s0718-22952018000200400>
- PORTAL LUIS NASSIF. *A tropicália da periferia*. Disponível em: <http://blogln.ning.com/forum/topics/a-tropicalia-da-periferia>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VAZ, Sérgio. *Literatura das ruas*. In: VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

Recebido em: 28/7/2019.

Aprovado em: 9/10/2019.

#35099

SEÇÃO: ENSAIOS

Endereço de correspondência:

Rua Cel Vicente, 465 - Apto. 1004 - Centro Histórico
- Porto Alegre - RS - 90030041